

**O Romance A Paixão Segundo G. H. de Clarice Lispector e o Aborto da Protagonista  
Simbolizado na Morte da Barata**

Prof<sup>a</sup>. Doutoranda Maria de Fátima do Nascimento<sup>i</sup> (UFPA/UNICAMP)

...

**Resumo:**

Com o presente trabalho, objetivamos demonstrar a prática do aborto por parte da protagonista clariceana de **A paixão segundo G. H.** (1964). Tal prática se encontra simbolizada na morte da barata que a personagem G. H. trucidou, assim como fez com o seu filho no início de sua gravidez. Através de semelhante abordagem, visamos evidenciar a importância desse dado na compreensão dessa narrativa, pois é a partir da observação do aborto que podemos verificar, por exemplo, a grande diferença entre a personagem feminina criada pela ficcionista brasileira e Antoine Roquentin, a personagem principal de um romance de Jean-Paul Sartre, **A náusea** (1938), personagem essa à qual G. H. tem sido impropriamente comparada.

**Palavras-chave:** Crítica Literária, Romance brasileiro, Literatura e aborto, Clarice Lispector, Benedito Nunes.

**A paixão segundo G. H.** (1964), quinto romance na ordem de publicação de Clarice Lispector, foi considerado, por um dos maiores estudiosos da escritora brasileira<sup>1</sup>, Benedito Nunes (1988, p. XXIV), na edição crítica de 1988, da qual ele foi o coordenador, como **o livro maior de Clarice Lispector**, não só porque **amplia os aspectos singulares de sua obra**, mas também porque, em sua observação, **é um dos textos mais originais da moderna ficção brasileira**.

Verifica-se que, após a publicação do primeiro artigo, **A náusea em Clarice Lispector**, de Benedito Nunes, de 24 de julho de 1965, no jornal **O Estado de São Paulo**, artigo no qual analisa três personagens de narrativas de Clarice Lispector: Ana, do conto **Amor**, de **Laços de família** (1960), Martim, de **A maçã no escuro** (1961), e G. H., do romance **A paixão segundo G. H.** (1964). Ali as personagens das referidas obras foram filiadas ao ramo da filosofia da existência, comparadas com a personagem Roquentin do romance **A náusea**, de Sartre. Essa análise encontra-se reiterada em dois outros livros posteriores do crítico brasileiro, **O mundo de Clarice Lispector (ensaio)** (1966) e em **O dorso do tigre** (1969), obra estudada nos principais cursos de Letras do Brasil. A partir de então, a obra **A paixão segundo G. H.** passou a ser analisada por diferentes estudiosos da literatura brasileira quase sempre pontuando-se uma suposta afinidade com a personagem do escritor francês<sup>2</sup>.

Para este estudo, retomei uma pergunta de Benedito Nunes (1966, p.11) feita na introdução do livro **O mundo de Clarice Lispector (ensaio)**, em que o estudioso brasileiro reclamava dos críticos que até então avaliaram incorretamente o romance **A paixão segundo G. H.** (1964): **Que foi que Clarice Lispector pretendeu dizer em A paixão segundo G. H.? Essa pergunta, que ficou flutuando no respeitoso silêncio da crítica, está expressa na acusação de obscuridade que se fez à obra**, assim como retomei a leitura dos romances **A Náusea**, de Sartre, e a **A paixão**

<sup>1</sup> Benedito Nunes, desde 1965, começou a publicar artigos sobre a obra de Clarice Lispector no jornal **O Estado de São Paulo**, a saber: **A náusea em Clarice Lispector** (24/07/1965), **A paixão Segundo G. H.** (04/09/1965), **O jogo da linguagem I** (20/11/1965) e **O jogo da linguagem II** (27/11/1965). Além de vários artigos em revista, publicou cinco livros sobre a escritora brasileira: **O mundo de Clarice Lispector (ensaio)** (1966), **O dorso do tigre** (1969), no qual vem enfileirados os cinco ensaios com o título **O mundo imaginário de Clarice Lispector**, **Leitura de Clarice Lispector** (1973), **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector** (1989). Também foi Coordenador da edição crítica do romance **A paixão segundo G. H.** (1988), junto ao qual traz uma explicação da citada edição com uma **Introdução do Coordenador e Nota filológica**.

<sup>2</sup> Luiz Costa Lima (1966, p. 110-111), um dos estudiosos de Clarice Lispector, publicou o livro **Por que literatura** (1966), no qual traz o ensaio **A mística ao revés de Clarice Lispector**, trazendo ali uma análise divergente da de Nunes no que tange à náusea sartreana, mas não tocou no tema do aborto.

**segundo G. H.**, de Clarice Lispector. Neste último, acompanhei o discurso fragmentário da personagem G. H., tentando compreender o que dizia a protagonista da obra em apreciação.

A partir dessa pergunta e da releitura do romance **A paixão segundo G. H.**, reuni algumas evidências sobre o aborto feito pela personagem narradora.. Nessa releitura, pode-se verificar a diferença da náusea e da angústia que a cometem às duas personagens aqui estudadas, Roquentin e G. H. A primeira se angustia sem saber por quê. Já a segunda personagem tem um motivo especial para suas angústia e náusea, ou seja: a morte da barata simbolizando na obra o aborto que é reconstituído paulatinamente por G. H. a partir da visão e trucidamento da barata cascuda.

Benedito Nunes (1965, p. 3), desde seu primeiro artigo de 1965, sobre a obra de Clarice Lispector, observou que a autora de **Laços de família** abordava temas que se **inseririam no contexto da filosofia da existência**. Porém, deixando claro que ele não pretendia fechar essa sua visão para outras análises, quando declara que: **Não se pretende afirmar, com isso, nem que a ficcionista vá buscar as situações típicas de seus personagens no existencialismo, ou que as intenções fundamentais da sua prosa só dessas doutrinas recebam o impulso extra-artístico que as justifica e anima.**

Para o estudo da obra da autora brasileira, Nunes traz a lume dois filósofos importantes do Século XX: Heidegger e Sartre, filósofos estes que ele vinha estudando desde a década de 1950 e que trataram em suas obras **Ser e tempo** (1927) e **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica** (1943), respectivamente, entre outras questões existenciais, do medo, da angústia e da náusea, questões com as quais Nunes na época deu nova interpretação à obra de Clarice Lispector, que, a partir das publicações da antologia de contos **Laços de família** (1960) e de **A paixão segundo G. H.** (1964), conforme o ensaísta brasileiro (1989b, p. 63), começava a conquistar maior recepção das obras da escritora no Brasil.

Nunes (1969, p. 93), em seus artigos sobre o romance **A paixão segundo G. H.**, descreve a náusea e a angústia, a partir da observação do romance sartreano em causa, como (...) **a forma emocional violenta da angústia, que arrebatava o corpo, manifestando-se por uma reação orgânica definida**, ou seja, a náusea é a expressão física da angústia:

(...) Quando nos sentimos existindo, em confronto solitário com a nossa própria existência, sem a familiaridade do cotidiano e a proteção das formas habituais da linguagem, quando percebemos ainda a irremediável contingência, ameaçada pelo Nada, dessa existência, é que estamos sob o domínio da angústia, sentimento específico e raro, que nos dá uma compreensão preliminar do Ser.

Benedito Nunes afirma ainda que o pensamento de Sartre e de Heidegger com relação à angústia coincidem nos pontos essenciais, destacando a náusea que Sartre descreve nas categorias interpretativas discutidas na sua obra filosófica **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**, em que a angústia:

É a vertigem da consciência, como ser precário, falho, não idêntico a si mesmo (Para-si), oposto ao modo de ser das coisas (Em-si), e que cria, devido à sua própria carência, através das possibilidades que projeta no mundo, o sentido da existência. Originária, a liberdade dimensiona o Em-si, sob forma de “realidade”; mas o Em-si, para o qual se volta a consciência e que de certa maneira a polariza, nem com ela coincide, nem pode determiná-la. Aspirar pelo Ser é para o homem, condenado à liberdade que a sua condição ontológica impõe, “une passion inutile (NUNES, 1969, p. 94).

Nessa chave, Nunes (1969, p. 94) chama a atenção para o mesmo sentido de angústia na obra de Heidegger **Ser e tempo**, na qual o filósofo alemão faz a diferença entre angústia e medo, demonstrando que **a angústia é um sentimento de alcance metafísico** e, portanto, diferente do medo, pois **tem-se medo de algo definido, de um ser particular (intramundano) e tem-se**

angústia sem saber de quê, ou seja:

É que o objeto desta é o ser no mundo, a existência humana instantaneamente revelada, numa penosa experiência de isolamento metafísico, como a que Pascal realizou e exprimiu. Isolamento essencial e paradoxal! Pode o homem, através da angústia, encontrar a sua realidade de ser existente; mas é para escapar da angústia que ele se refugia no cotidiano, onde, protegido por uma crosta de palavras, por interesses fugidios e limitados, que não o satisfazem completamente e apenas disfarçam o cuidado (*Sorge*) em que vive, passa a existir de modo público e impessoal.

Além da expressão *Sorge*, Nunes (1969, 94) usa também o termo *Dasein*, terminologias da analítica existencial de Heidegger, para expressar situações vividas pelo homem, que se vê livre, angustiado, sem saber o que fazer de sua existência, observando que:

Diferente do medo, o mal-estar da angústia provém da insegurança de nossa condição, que é, como possibilidade originária, puro esta-aí (*Dasein*). Abandonado, entregue a si mesmo, livre, o homem que se angustia vê diluir-se a firmeza do mundo. O que era familiar torna-se-lhe estranho, inóspito. Sua personalidade social recua. O círculo protetor da linguagem esvazia-se, deixando lugar para o silêncio

Sendo assim, percebe-se que, de diferentes maneiras, as personagens clariceanas vivem esses dilemas da angústia, da náusea, do medo, conflitos que as levam ao sofrimento, o que pode ser observado nas análises do crítico brasileiro e a coerência dessas observações valoriza a força de sua abordagem e faculta, ao leitor, conhecer a linha de pensamento do crítico

Constata-se, então, a diferença entre as duas personagens aqui estudadas, pois, enquanto Roquentin, o protagonista de *A Náusea*, de Sartre (2006, p. 32), que no citado romance é um historiador que chega à cidade de Bouville, com o intuito de escrever a biografia do marquês de Rollebon, mas, justamente nessa cidade **é suplantado pelo formigamento da existência**, logo se desencanta com o seu trabalho, com a sociedade da pequena cidade, com os homens e com a falta de sentido de sua própria vida, sentindo-se impotente diante do mundo, portanto acometido pelo medo, mal-estar físico, pela angústia e pela náusea, reconhecendo o perigo da existência, de acordo com as palavras da própria personagem: **Então fui acometido pela náusea, me deixei cair no banco, já nem sabia onde estava; via as cores girando lentamente em torno de mim, sentia vontade de vomitar. E é isso: a partir daí a Náusea não me deixou, se apossou de mim**, já a angústia da personagem G. H. que começa a sua confissão do aborto, como que redizendo o interdito, um dia após ter visto a barata que suscitou todo um passado, que até então ela guardou em segredo, mas que com esmagamento da barata relembra, com dor o aborto induzido, o que passa a considerar como uma **desorganização**.

Vejam-se, então, alguns exemplos de passagens do relato da personagem G. H. em que surgem a confirmação do aborto no desenvolvimento do referido romance, que é constituído de 33 fragmentos<sup>3</sup> (idade de Cristo), espécies de capítulos. Observa-se que em cada novo fragmento/capítulo, numa prática do *leixa-pren* (deixa-prende), é retomado o último parágrafo, ou última frase ou expressão do fragmento/capítulo anterior. Porém, o que chama a atenção nesse detalhe discursivo é que essa repetição significa o esforço da personagem G.H. para contar a sua história, uma história tabu e de dor, ou seja, a confissão do abortamento voluntário, que ficou muito tempo esquecido propositalmente, ou não, e que, ao entrar no quarto de empregada de seu apartamento, **semi-luxuoso**, em uma cobertura, onde G. H. vive sozinha, após Janair, sua última

---

<sup>3</sup> A partir da leitura que fiz da obra **A paixão segundo G. H.**, de Clarice Lispector, verifiquei que havia 33 fragmentos, como se fossem capítulos não numerados e sem título.

empregada, ter deixado o emprego, vê uma “barata grossa” e o aborto induzido vem à tona.

No início do relato G. H. faz a seguinte afirmação: - - - - - **estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda ...** (LISPECTOR, 1998, p. 11), demonstrando que havia um antes que seria a **organização** e um depois a que chamou de **desorganização profunda**, ou seja, a concretização do aborto, que ela quer contar, mas nesse reconto vai entremeando muitas repetições e muitas interrogações sobre sua vida, por causa do assunto a ser tratado, na tentativa de encontrar as palavras certas, para dar forma ao que lhe aconteceu, conforme G. H. diz: (...) **o relato de outros viajantes poucos fatos me oferecem a respeito da viagem: todas as informações são terrivelmente incompletas.**

O caso do aborto em *A paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector, não é o primeiro na literatura brasileira, tem-se vários outros, como o aborto de Lúcia na obra *Lucíola* (1862), de José de Alencar, que foi a primeira obra canônica a tratar dessa questão. Mas, nesse romance, o aborto foi involuntário. No caso de G. H., foi feito com o consentimento da personagem, ou seja, voluntariamente praticado com assistência de um **Doutor**. Aí está a diferença entre os dois romances.

Na sequência de seu relato, G. H. esclarece que perdeu uma coisa essencial, como se fosse uma terceira perna, que a impossibilitava de andar, mas que a fazia um tripé estável. Esse dado sugere que G. H. vivia uma vida a dois que foi desfeita e que, dali para frente, precisava cuidar de sua própria vida sozinha, caminhar com suas próprias pernas, mas, embora saiba que essa terceira perna era inútil, percebe também que foi a partir dela que passou a se reconhecer e ser reconhecida pelos outros entes com os quais se relacionava: (...) **Mas a ausência inútil da terceira perna me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem sequer precisar me procurar** (LISPECTOR, 1998, p. 12).

Logo em seguida, a protagonista começa a contar o que aconteceu no dia anterior, mas ainda não menciona o nome da barata, porque na verdade a história que ela quer contar é uma história interdita, que requer muito cuidado no que é dito, que já se sabe que não é sobre a morte da barata, mas sim sobre a morte de seu filho que foi abortado voluntariamente: No exerto, abaixo, G. H. menciona a perda de sua **montagem humana** pelo fato de ter considerado o aborto algo grave. Parece que, por isso, em vários momentos da obra, ela vai se referir a essa questão de **humanidade**:

Ontem no entanto perdi durante horas e horas a minha montagem humana. Se tiver coragem, eu me deixarei continuar perdida. Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo – quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação (LISPECTOR, 1998, 12-13).

Observa-se nas palavras de G. H. que ela estava encaixada num sistema familiar/social dependente (terceira perna) e que, depois de ficar livre, luta para tentar nos contar sua história, o aborto, mas, para isso, é necessário relatar sua vida anterior, que passa por dificuldades próprias das mulheres que viviam dentro de um sistema social conservador e que G. H. faz questão de frisar. Embora entendesse que, em um tempo anterior de sua vida, fosse mais fácil viver, porque havia alguém que pensava por ela, por outro lado não era feliz, precisava ser livre para compreender a si mesma e o mundo: (...) **Talvez desilusão seja o medo de não pertencer mais a um sistema. No entanto se deveria dizer assim: ele está muito feliz porque finalmente foi desiludido**

Então, G. H. começa a dizer e a se interrogar, o que dificulta ao leitor entender o que ela vai dizendo num texto em zig-zague, cujo teor expõe sua vida a partir de um relacionamento mal sucedido, sua infância, sua vida adulta de muitos prazeres, suas preocupações existenciais, seus medos, o que vai ser a tônica do romance em que **ser** é viver sua individualidade e, principalmente,

poder contar o que sucedeu com ela antes, durante e depois do aborto cometido.

(...) Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente em relação a ser? E no entanto não há outro caminho. Como se explica que o meu maior medo seja exatamente o de ir vivendo o que for sendo? Como é que se explica que eu não tolere ver, só porque a vida não é o que eu pensava e sim outra – como se antes eu tivesse sabido o que era! Por que é que ver é uma tal desorganização? (LISPECTOR, 1998, p. 12-13).

A questão do **ver**, que é reiteradas vezes mencionada em seu relato, tem relação com a barata e o aborto porque todo o processo de lembrança de um passado angustiante foi suscitado a partir da visão da barata, que trouxe lembranças indesejáveis, que estavam guardadas como um segredo, ao mesmo tempo em que G. H. vai se comparando à barata, inseto nojento, que transmite doenças e que geralmente causa repulsa aos seres humanos:

Não compreendo o que vi. E nem mesmo sei se vi, já que meus olhos terminaram não se diferenciando da coisa vista. Só por um inesperado tremor de linhas, só por uma anomalia na continuidade ininterrupta de minha civilização, é que por um átimo experimentei a vivificadora morte. A fina morte que me fez manusear o proibido tecido da vida. É proibido dizer o nome da vida. E eu quase disse. Quase não me pude desembaraçar de seu tecido, o que seria a destruição dentro de mim de minha época (LISPECTOR, 1998, p. 15-16).

G. H. enxerga a barata no fragmento 5, que é retomado com o último parágrafo do fragmento 4, **Então, antes de entender, meu coração embranqueceu como cabelos embranquecem**, momento em que ela abre mais o guarda-roupa e viu a **barata grossa**. Contudo, é no fragmento 6 que ela começa a matar a barata, capítulo esse que começa com o último parágrafo do capítulo 5 muito alusivo a tudo que vai acontecer com as revelações que ela fará: **Foi então que a barata começou a emergir do fundo**. Mas é no capítulo 14, quando ela ainda está no quarto matando a barata, que ela faz a seguinte confissão:

De vez em quando, por um leve átimo, a barata mexia as antenas. Seus olhos continuavam monotonamente a me olhar, os dois ovários neutros férteis. Neles eu reconhecia meus dois anônimos ovários neutros. E eu não queria. Ah, como eu não queria! Eu havia desligado o telefone, mas poderiam talvez tocar a campainha da porta, e eu estaria livre! A blusa! a blusa que eu tinha comprado, eles haviam dito que a mandariam, e então tocariam a campainha! (CLARICE, 1998, p. 91).

G. H. vê a **barata velha** no fragmento 6. Daí em diante, tem-se a sequência do ritual do trucidamento da barata relacionado ao aborto e ao segredo que ela guardou durante vários anos, que vai ser referido explicitamente no fragmento 14, quando G. H. desliga o telefone e fica preocupada de alguém tocar a campainha e atrapalhar a manifestação das lembranças que brotam da sua memória num reconhecimento do aborto e da semelhança deste com a barata: **Não, não tocariam. Eu seria obrigada a continuar a reconhecer. E reconhecia na barata o inosso da vez em que eu estivera grávida**. Ou ainda: - **Lembrei-me de mim mesma andando pelas ruas ao saber que faria o aborto, doutor, eu que de filho só conhecia e só conheceria que ia fazer um aborto. Mas eu pelo menos estava conhecendo a gravidez** (LISPECTOR, 1998, p. 91).

Antes de revelar o seu segredo no início do romance, G.H. faz as seguintes observações sobre ela:

(...) Cedo fui obrigada a reconhecer, sem lamentar, os esbarros de minha pouca inteligência, e eu desdizia caminhos. Sabia que estava fadada a pensar pouco, raciocinar me restringia dentro de minha pele. Como pois inaugurar agora em mim

o pensamento? E talvez só o pensamento me salve, tenho medo da paixão (LISPECTOR, 1998, p. 15).

Essa passagem mostra o desejo de G. H. de contar o que aconteceu com ela no passado, justificando sua atitude de ter abortado o filho pelo fato de pensar pouco. Mas, sutilmente, ela vai engendrando sua história de maneira fragmentária para dar forma a tudo o que lhe aconteceu e poder entender o acontecido, que, no momento, lhe causa sofrimento. Nota-se que todos os seus devaneios convergem para o aborto.

G. H. começa a contar a sua história um dia após a morte da barata, mas, ao reconstituir a morte da barata, reconstitui também o seu drama pessoal: a consecução do aborto, num texto fragmentário, no qual vai entremeando outras histórias à história da morte da barata. E toda a sua angústia está relacionada ao abortamento que ela considerou crime, desamor e, desde o início da narrativa, ela se condena por isso e principalmente por ter aceitado passivamente a decisão de seu namorado. O inseto barata, nessa história, parece sugerir que G. H. tem sangue de barata, ou seja, pessoa de personalidade fraca, fácil de ser subjulgada por outras, sem atitude, covarde:

(...) Pelas ruas sentia dentro de mim o filho que ainda não se mexia. Enquanto parava olhando nas vitrines os manequins de cera sorridentes. E quando entrara no restaurante e comera, os poros de um filho devoravam como uma boca de peixe à espera. Quando eu caminhava, quando eu caminhava eu o carregava. Durante as intermináveis horas em que andara pelas ruas resolvendo sobre o aborto, que no entanto já estava resolvido com o senhor, Doutor, durante essas horas meus olhos também deviam estar insossos. Na rua eu também não passava de milhares de cílios de protozoários neutro batendo, eu já conhecia em mim mesma o olhar brilhante de uma barata que foi tomada pela cintura. Caminhara pelas ruas com meus lábios ressecados, e viver, doutor, me era o lado avesso de um crime. Gravidez; eu fora lançada no alegre horror da vida neutra que vive e se (LISPECTOR, p. 91-92).

O sofrimento de G. H. coincide com estudos como os de Faúndes e Barzelatto (2004, 78) sobre os problemas psicológicos em mulheres que praticam abortamento induzido, cujos atos **são mais graves naquelas mulheres que não decidiram abortar por si mesmas, mas foram obrigadas por outras pessoas, particularmente pelos seus companheiros**

No caso da personagem G. H., sua atitude gerou a paixão, sendo necessário que alguém a escute para amenizar a sua dor não só da carne, mas também do espírito e a possibilidade de tentar compreender o ser humano, que, para o ato cometido por ela, o seguinte trecho parece ser bastante alusivo: **Escuta, diante da barata viva, a pior descoberta foi a de que o mundo não é humano, e de que não somos humanos** (LISPECTOR, p. 69 ).

No entanto, mesmo depois de ter revelado o aborto, ela continua a dizer que precisa contar, e vai contando o tempo todo nos outros fragmentos/capítulos. Porém, usa de sutilezas sempre relacionando o aborto com a morte da barata. Tanto é assim que usa a Bíblia e Deus, nos últimos fragmentos/capítulos, como reflexão para aquilo que ela considerou delito e, por isso, sofre muito.

Todo o ritual da morte da barata é lembrado como semelhante ao que ela fez com o feto que já estava gerado em seu ventre, inclusive o quarto da empregada sugere o local onde ela fez o aborto. No fragmento 30, quase ao final do livro, G. H. diz: **É que não contei tudo. Não contei que, ali, sentada e imóvel, eu ainda não parara de olhar com grande nojo, sim, ainda com nojo, a massa branca amarelecida por cima do pardacento da barata ...** (LISPECTOR, 1998, p. 163) Para então concluir que: **É que a redenção devia devia ser na própria coisa. E a redenção na própria coisa seria eu botar na boca a massa branca da barata** (LISPECTOR, p. 163-164).

Fica evidente que G. H. relata uma questão tabu, o aborto, que, em última instância, está ligada à **Paixão de Cristo**, que é inocente e assassinado, como também é relatado na história de

Cristo, mas seu corpo, para aqueles que professam o cristianismo, em forma de hóstia, é deglutido por homens de boa vontade para remissão dos pecados, na confissão de G. H., o assassinato do seu filho, que também é inocente, gera a paixão na mãe: **Levantei-me e avancei de um passo, com determinação não de uma suicida mas de uma assassina de mim mesma** (LISPECTOR, 1998, p. 164). G. H. sofre e quer a redenção, que, além de ser pretendida pela confissão que ela faz do seu delito, também se dará a partir da deglutição da barata, tentando se redimir do que ela chamou de crime. Parece que só assim ela se perdoa e pode também receber o perdão dos leitores.

## Referências Bibliográficas

- 1] FAÚNDES, Aníbal; Barzelatto, José. *O drama do aborto: em busca de um consenso*. Campinas: Editora Komedi, 2004.
- 2] HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Parte I. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- 3] \_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Parte II. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- 4] LIMA, Luiz Costa. *Por que Literatura*. Petrópolis: Vozes, 1966.
- 5] LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- 6] \_\_\_\_\_. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- 7] NUNES, Benedito. *O mundo de Clarice Lispector (ensaio)*. São Paulo: Ática, 1966.
- 8] \_\_\_\_\_. Introdução do Coordenador. In: Clarice Lispector. *A paixão segundo G. H.* Ed. Crítica/ Benedito Nunes, Coordenador. Paris: Association Archives de la littérature latino-américaine, des Caraïbes africaine Du XXe. Siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988. (Coleção arquivos v. 13)
- 9] \_\_\_\_\_. *O Dorso do tigre*. São Paulo: São Paulo: Ática, 1969.
- 10] \_\_\_\_\_. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron, 1973.
- 11] \_\_\_\_\_. *O drama da linguagem: uma Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989.
- 12] \_\_\_\_\_. A náusea em Clarice Lispector. In: *O Estado de São Paulo*. Suplemento Literário. São Paulo, 24 de julho de 1965, p. 3.
- 13] \_\_\_\_\_. A paixão segundo G. H. . In: *O Estado de São Paulo*. Suplemento Literário. São Paulo, 4 de setembro de 1965, p. 1.
- 14] \_\_\_\_\_. O jogo da linguagem I. In: *O Estado de São Paulo*. Suplemento Literário. São Paulo, 20 de novembro de 1965, p. 6.
- 15] \_\_\_\_\_. O jogo da linguagem II. In: *O Estado de São Paulo*. Suplemento Literário. São Paulo, 27 de novembro de 1965, p. 4.
- 16] \_\_\_\_\_. Clarice Lispector ou o naufrágio da introspecção. In: *Remate de Males*. Instituto de Estudos da Linguagem IEL – UNICAMP. Revista do Departamento de Teoria literária 1989, p. 63-68.
- 17] SARTRE, Jean-Paul. *A náusea*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- 18] \_\_\_\_\_. *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

---

i Profª. Doutoranda Maria de Fátima do NASCIMENTO

Professora de Literatura Brasileira do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará -UFPA. Doutoranda em Teoria e História Literária do Instituto de Estudo da Linguagem – IEL - da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Orientanda da Profª. Drª. Suzi Frankl Sperber.

Bolsista da CAPES.

E-mail: [mafana25@hotmail.com](mailto:mafana25@hotmail.com)